

JOGOS COOPERATIVOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Cooperative games and its contribution to education for peace

Natálie dos Reis Rodrigues¹

Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS

Maria Luiza Rheingantz Becker²

Programa de Pós-graduação em Educação /UFRGS

Resumo: este ensaio teve como objetivo discutir de que maneira os Jogos Cooperativos (JC) podem contribuir na construção de uma educação voltada para a paz, considerando a perspectiva de Jean Piaget. Discutiu-se a utilização dos JC na disciplina Educação Física, trazendo a conceituação de jogo de maneira mais ampla e de JC de forma mais específica, elencando estudos que demonstram vantagens da utilização desses jogos. Apresentou-se a educação para a paz sob a perspectiva de Piaget, bem como as características e objetivos dos JC que se assemelham aos da educação para a paz. Concluiu-se que os JC parecem ser uma ferramenta na construção de valores essenciais para a convivência pacífica em sociedade.

Palavras-chave: Educação Física, Jogos Cooperativos, Aprendizagem Cooperativa, Educação para a paz.

Abstract: this essay aimed to discuss how the Cooperative Games (JC) can contribute to the construction of an education focused on peace, considering the perspective of Jean Piaget. The use of JC in the Physical Education discipline was discussed, bringing the concept of the game in a broader way and JC in a more specific way, listing studies that demonstrate advantages of using these games. Education for peace was presented from the perspective of Piaget, as well as the characteristics and objectives of the JCs that resemble those of education for peace. It was concluded that the JCs seem to be a tool in the construction of essential values for the peaceful coexistence in society.

Keywords: Physical Education, Cooperative Games, Cooperative Learning, Education for Peace.

¹ natyreisrodrigues@gmail.com. Doutoranda em Educação em Ciências/UFRGS

² beckermarialuiza@gmail.com. Professora titular da Faculdade de Educação/UFRGS
Apoio CAPES/UFRGS

Introdução

Apesar de vivermos em uma sociedade na qual a competitividade, a exploração do mais fraco e o individualismo estão supervalorizados, observa-se um esforço no sentido de repensar as relações políticas, sociais, econômicas, ecológicas e educacionais. Nesse sentido, cooperar aparenta ser uma forma eficaz de encontrar o equilíbrio em tais relações de forma mais humana, pacífica e igualitária (ORLICK, 1989; CORREIA, 2006).

Entende-se que o período de escolarização é um momento privilegiado para a discussão dessas questões conflitantes e para a construção de valores essenciais para a convivência em sociedade que podem advir de atividades cooperativas. Contudo, na maioria das vezes, a escola parece evitar ou limitar este tipo de atividade com o argumento de que elas perturbam a dinâmica da aula, e que as atividades individuais e competitivas facilitariam o controle da turma pelo professor (DURAN, 2001 *apud* GÓMEZ; SAMANIEGO, 2008).

Nesse sentido, a aula de EF pode ser um momento privilegiado para o desenvolvimento de atividades que provoquem essas reflexões acerca do respeito às diferenças, uma vez que é onde ocorrem muitos conflitos, divergências de opinião e confrontos tanto físicos quanto sócio-afetivos, que, se bem mediados, podem resultar no crescimento e no amadurecimento dos envolvidos (BRASIL, 2017). O tipo de atividade e a forma como ela é conduzida pelo professor pode contribuir ou não para a formação de crianças e adolescentes mais solidários e cooperativos. (BRASIL, 1998, 2017; ROSÁRIO e DARIDO, 2005; RODRIGUES e DARIDO, 2006).

Um dos conteúdos da aula de Educação Física que podem ser desenvolvidos para esse fim são os jogos, em especial os Jogos Cooperativos (JC). Os JC são uma modalidade de atividade física, com regras estabelecidas e consentidas pelos participantes, em que o(s) grupo(s) se ajuda(m) mutuamente para alcançar um objetivo comum e não existem vencedores ou perdedores. Ao jogar, os envolvidos podem aprender valores importantes, ao mesmo tempo em que buscam a simples diversão em si mesma em detrimento do “vencer a qualquer custo”. (ORLICK, 1989; CORREIA, 2006; GOMES; SAMANIEGO, 2008).

Com referência a autores do último século que colaboraram de forma significativa para a compreensão do desenvolvimento humano e da educação,



destaca-se Jean Piaget. Apesar de ter enfrentado diferentes ciclos de popularidade, autores como Montangero e Maurice-Naville (1998) e Lourenço (2016) afirmam que suas contribuições ainda hoje permanecem pertinentes para áreas como o desenvolvimento moral e cognitivo, a educação, entre outras. Além disso, Piaget preocupou-se com as questões relativas aos Direitos Humanos relacionados à Educação, como por exemplo, o desenvolvimento da personalidade dos estudantes e do respeito destes para com as liberdades e direitos das outras pessoas. Ele destacou a importância de uma educação voltada para a paz que visasse à colaboração internacional através do desenvolvimento da cooperação e da solidariedade nas relações interindividuais (PARRAT; TRYPHON, 1998; PIAGET, 2015).

A partir dessas ideias, o ensaio teve como objetivo discutir de que maneira os JC podem contribuir na construção de uma educação voltada para a paz, considerando a perspectiva de Jean Piaget, com o intuito de formar cidadãos solidários, respeitosos e compreensivos.

Metodologia

Conforme Lubisco e Vieira (2019), o ensaio é um documento que envolve determinado assunto de forma menos aprofundada e com menor rigor quanto ao método. Seu intuito é expor ideias e opiniões. No caso do presente ensaio, buscou-se desenvolver um texto que apresentasse e relacionasse o JC e a obra de Jean Piaget, privilegiando o tema da educação para a paz.

A redação inicial do ensaio foi realizada para a avaliação final da disciplina³ “Textos Pedagógicos de Jean Piaget” no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS. Os textos-base utilizados foram os estudados na disciplina. Para construir as relações entre os argumentos de Piaget e os estudos sobre JC e EF buscou-se livros e artigos no *Google Acadêmico*⁴ e em leituras prévias sobre o tema realizadas pelas autoras. Foram consultados, ainda, os documentos da legislação

³ Disciplina oferecida no PPGEDU/UFRGS e ministrada pela Prof^a Dra. Maria Luiza Rheingantz Becker. A Bibliografia básica continha obras de Piaget, como: Psicologia e Pedagogia, Para Onde Vai a Educação, Sobre a Pedagogia: textos inéditos e O juízo moral na criança.

⁴ Na busca, foram utilizados os termos Educação Física, Jogos Cooperativos, Educação para a paz, sem delimitação temporal, mas com preferência para livros e artigos na língua portuguesa.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020, p. 96-111.

Recebido em: 02/07/2020

Publicado em: 21/08/2020

educacional nacional vigente, como os PCN's (1998) e a BNCC (2017). A versão atual do ensaio integrou os comentários e sugestões recebidos na avaliação da disciplina.

Resultados e discussão

Para auxiliar na compreensão do tema, foram traçadas três seções que serão apresentadas a seguir, a saber: “Jogos Cooperativos na Educação Física”, “Educação para a paz sob a perspectiva de Jean Piaget” e “Relações entre os Jogos Cooperativos e a educação para a paz”.

Jogos Cooperativos na Educação Física

A história nos mostra que a EF brasileira sofreu diversas influências ao longo do tempo, como a higienista, a esportivista, a psicomotora, a construtivista, a desenvolvimentista, a crítico-superadora. Em tese, apesar de já se ter superado a visão tecnicista e puramente competitiva, é possível perceber que a EF escolar ainda permanece associada ao esporte, que em sua essência presume a busca de melhor desempenho e a superação dos adversários (DARIDO, 2012). Na maioria das vezes, tal associação acontece porque o professor sente-se inseguro para desenvolver outras atividades para além dos esportes (RODRIGUES; DARIDO, 2006).

Cabe ressaltar que os esportes são apenas um dos conteúdos que poderiam ser desenvolvidos nas aulas de EF. Rosário e Darido (2005) destacam que, além dos esportes, os jogos, as danças, as lutas, as ginásticas e as brincadeiras também são conteúdos a serem abordados em aula. Esses conteúdos compõem a cultura corporal do movimento humano, caracterizada pelo conjunto de saberes corporais produzido culturalmente, situados na história e criados pela sociedade ao longo do tempo.

Darido (2012) afirma que a diversificação dos conteúdos e a forma como eles são abordados nas suas diferentes dimensões (conceitual, procedimental e atitudinal), além de serem direitos do estudante, são capazes de aumentar as chances de identificação e adesão às atividades. A aprendizagem desses conteúdos e, conseqüentemente, saberes corporais possibilita sua utilização em contextos de



lazer, na socialização e na promoção da saúde (BRASIL, 2017). Os jogos são, portanto, um dos conteúdos que deveriam ser abordados na aula de EF, mas o que seria o jogo? Para Huizinga (2014), o jogo:

[...] é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (p. 33)

Piaget também aprofundou um estudo sobre os jogos, apresentando as tendências teóricas da época para classificá-los. Ademais, elaborou a sua própria classificação e conceituação, considerando, não o conteúdo, mas a organização e funcionamento de cada tipo de jogo. O autor classificou os jogos em três tipos: jogo de exercício - baseado na repetição pelo próprio prazer do funcionamento; jogo simbólico - voltado ao exercício da imaginação; e o jogo de regras- sendo possível apenas a partir de relações sociais, resultando na “organização coletiva das atividades lúdicas” (PIAGET, 1990, p. 148). Freire (1992), autor embasado pela teoria piagetiana, destaca ainda que haveria o jogo de construção- uma espécie de transição entre o jogo simbólico e o jogo de regras que acontece por volta do final da primeira infância quando a criança sente a necessidade de reproduzir a realidade concreta de maneira cada vez mais fiel em suas brincadeiras. De acordo com a classificação de Piaget, conclui-se que os JC seriam um tipo de jogo de regras.

Dentre os documentos que orientam a prática educacional brasileira estão os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que também trazem as suas considerações sobre os jogos. Segundo esse documento, o jogo é uma atividade caracterizada pela flexibilidade nas regras, adaptando-se ao espaço e aos materiais disponíveis e quantidade de jogadores. Além disso, o jogo pode ser competitivo, cooperativo ou recreativo e ocorrer em diversas situações, como no dia-a-dia da escola e em situações comemorativas ou de confraternização (BRASIL, 1998).

Outro documento elaborado recentemente é a Base Nacional Comum curricular (BNCC) que define os conhecimentos, os conteúdos e as habilidades a serem trabalhados em cada ano da escolarização, assegurando as aprendizagens essenciais das crianças brasileiras independente da região em que moram ou de sua classe socioeconômica (BRASIL, 2017). Durante o Ensino Básico, uma das

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020, p. 96-111.

Recebido em: 02/07/2020

Publicado em: 21/08/2020

competências gerais que devem ser desenvolvidas vai ao encontro do tema desse ensaio, pela proximidade com os objetivos dos JC:

[...] exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 10)

Na particularidade da EF, o jogo é definido como uma atividade voluntária caracterizada pela criação, modificação e obediência às regras pelos jogadores. Uma das diferenças em comparação ao esporte, é que o jogo não tem como objetivo a obtenção de resultados (recordes, premiações, etc.), mas sim o entretenimento, a busca pelo prazer. É interessante ressaltar que a BNCC não trata dos JC como conteúdo específico a ser abordado, por entender que o jogo, para ser organizado como conteúdo da EF, deve ter um fim em si mesmo, ou seja, não deve ser utilizado como um meio para alcançar outros objetivos.

É importante fazer uma distinção entre jogo como conteúdo específico e jogo como ferramenta auxiliar de ensino. Não é raro que, no campo educacional, jogos e brincadeiras sejam inventados com o objetivo de provocar interações sociais específicas entre seus participantes ou para fixar determinados conhecimentos. [...] Neste documento, as brincadeiras e os jogos têm valor em si e precisam ser organizados para ser estudados. (BRASIL, 2017, p. 214)

Orienta-se, então, que sejam abordados os diferentes jogos populares de diversas partes do Brasil e do mundo, assim como os jogos de matriz africana e/ou indígena, por exemplo.

Todavia, isso não significa que os JC não possam ser trabalhados nas aulas, pois a BNCC elenca algumas dimensões de conhecimento a serem desenvolvidas na EF, como a “reflexão sobre a ação” e a “construção de valores” (BRASIL, 2017, p. 221), nas quais essa modalidade de jogo pode propiciar diferentes contribuições. A primeira dimensão visa “formular e empregar estratégias de observação e análise para: resolver desafios peculiares à prática realizada [...] e adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem compartilha a sua realização” (BRASIL, 2017, p. 219). Destaca-se que uma das características dos JC é a resolução de desafios da própria atividade, trabalhando em grupo e coordenando diferentes pontos de vista.



Outra questão é a adequação às possibilidades dos participantes, adequação essa que os JC são capazes de promover, incluindo crianças com diferentes níveis de habilidades. Ainda com relação à adequação, lembra-se que é possível desenvolver diversos jogos populares, tanto de forma competitiva quanto cooperativa, sendo interessante, inclusive, refletir sobre as suas dimensões, suas características, seus objetivos e as aprendizagens decorrentes.

Em relação à construção de valores - segunda dimensão de conhecimento apresentada pela BNCC, os JC também são capazes de propiciar contribuições, ao incentivar o respeito às diferenças e por possibilitar a “aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática.” (BRASIL, 2017, p. 219)

Conforme Orlick (1989, p. 123) “O objetivo primordial dos jogos cooperativos é criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa”. O mesmo autor classifica os JC em quatro tipos, sendo eles: os sem perdedores ou plenamente cooperativos, pois todos jogam juntos e não há perdedores; os de resultado coletivo - há divisão em duas ou mais equipes, mas só é possível alcançar o objetivo jogando todos juntos; os de inversão - ocorrem várias trocas de participantes e placares entre as equipes, tornando difícil definir os vencedores ou perdedores; e, por fim, os semi-cooperativos - com adaptação das regras de um jogo para facilitar a participação de quem demonstra dificuldades.

Salienta-se que a disciplina de EF deve ter diferentes formas de abordagem dos conteúdos, pois tem o papel de desenvolver não somente os conteúdos procedimentais, ou seja, o aprender a fazer, mas também os conteúdos conceituais (aprender a conhecer) e atitudinais (aprender a ser) (COOL *et al.*, 2000 *apud* DARIDO, 2012). Posto isso, não basta realizar o jogo em si, é preciso refletir sobre ele, além de saber como e por que jogá-lo.

Ademais, Darido (2012) afirma que os PCN's sugerem uma relação entre as atividades da aula de EF e os problemas sociais ao propor os temas transversais. Temas como a cooperação, a solidariedade, a inclusão, as relações de gênero, a ética e a pluralidade cultural devem ser considerados pelo professor enquanto importantes a serem desenvolvidos em aula. Freire (1992) afirma que o jogo não

pode ser entendido como algo descomprometido com a realidade, diferente disso deve ser utilizado como ferramenta pedagógica empenhada com a formação do educando para cumprir o seu papel social. Nessa lógica, entendemos que os JC podem ser uma ferramenta essencial para esse fim.

Tendo em vista os aspectos observados, algumas pesquisas contemporâneas sobre a temática (MENDES, PAIANO; FILGUEIRAS, 2009; BRANDL NETO; WALDOW, 2010) têm investigado os benefícios da utilização dos JC como conteúdo em aula. Seus resultados alinham-se com a discussão teórica realizada nesse ensaio e reforçam os benefícios dos JC para o desenvolvimento integral dos envolvidos, corroborando com os objetivos da EF Escolar.

Educação para a paz sob a perspectiva de Piaget

Jean Piaget realizou atividades na Sociedade das Nações⁵ ao longo de 15 anos durante o período entre guerras. Nesse contexto, escreveu alguns textos sobre a educação sob a ótica da Epistemologia Genética, além de escrever sobre a solidariedade e a colaboração internacional. Dentre eles, há um texto intitulado: “É possível uma educação para a paz?”.

Apesar de ter sido escrito em 1934, mais de 80 anos atrás, em uma realidade social, política, econômica e geográfica bem diferente da nossa, sua atualidade e potencialidade para a reflexão sobre a realidade educacional brasileira contemporânea é considerável. Destacam-se as reflexões sobre as relações entre afetividade e inteligência nas trocas sociais. As questões que preocuparam Piaget e seus contemporâneos educadores se aproximam aos conflitos evidentes no Brasil tais como o racismo, a homofobia, a xenofobia e a desigualdade social.

Naquele período, Piaget alertava que as tentativas de uma educação para a paz feita até então não teriam sido empreendidas de forma séria. Segundo o autor, a principal dificuldade para se chegar a esse objetivo seria encontrar um interesse real que levasse o sujeito a compreender o desejo do outro, em especial daqueles que

⁵ Foi criada ao final da Primeira Guerra Mundial e incluída Tratado de Versalhes (28 de junho de 1919) a partir de um dos 14 pontos do Plano de Paz feito pelo então presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson. A proposta buscava garantir a independência política e integridade territorial de grandes e de pequenos países, a promoção da cooperação entre as Nações e um ideal de paz. Após a Segunda Guerra mundial (1946), foi substituída pela Organização das Nações Unidas (ONU). (LOUREIRO, 2015)



seriam os seus “adversários”. Para isso, seria de vital importância uma espécie de educação internacional que relacionasse os aspectos econômicos, políticos e espirituais. Não bastaria, portanto, a disseminação de ideias pacifistas, mas, haveria necessidade de uma “adaptação de todo o espírito às relações internacionais” (PARRAT; TRYPHON, 1998, p. 134).

Em outro texto intitulado “Introdução Psicológica à Educação Internacional”, o autor propõe que a educação internacional deveria seguir três etapas, a saber: 1) ensinar acerca dos objetivos e obra da Sociedade das Nações, principalmente através de fatos precisos e ilustrações concretas de história, geografia econômica; 2) utilização de métodos ativos para a colaboração internacional entre as crianças, tais como o *self-government* e o trabalho em grupo. Tais métodos solicitam a participação ativa da criança, através de experiências, como, por exemplo, a cruz vermelha da juventude, os escoteiros, as viagens e os intercâmbios. Essas vivências iriam “preparar o terreno” para o conhecimento verdadeiro; e, por fim, 3) na verdade esta etapa deveria ser a primeira etapa a ser executada, que é a reestruturação de todo o ensino, tendo em vista que a educação é um todo. Não há como dissociar a moral, a inteligência, a cooperação internacional e, por isso, a criança só verá significado na cooperação internacional se as cooperações sociais, morais e intelectuais forem realmente estimuladas e vivenciadas dentro e fora da escola (PARRAT; TRYPHON, 1998).

Piaget afirmava que a ideia da educação internacional, apesar de simples em teoria, era difícil de colocar em prática. O objetivo não era o de reprimir as consciências e opiniões individuais das pessoas ou de uma nação, mas de

Criar em cada pessoa um método de compreensão e reciprocidade. Que cada um, sem abandonar seu ponto de vista, e sem procurar suprimir suas crenças e seus sentimentos, [...] aprenda a se situar no conjunto dos outros homens [...] compreenda a existência das outras perspectivas; que cada um compreendasobretudo que a verdade, em todas as coisas, nunca se encontra pronta, mas é elaborada penosamente, graças a própria coordenação dessas perspectivas. É nessa renúncia ao absoluto [...], nesse esforço de estabelecimento de relações que consiste toda a ideia internacional. (PARRAT; TRYPHON, 1998, p. 135)

Apesar de o trecho escrito por Piaget fazer muito sentido até hoje, é fundamental diferenciar o tempo e lugar de quando e onde se falava. Naquele momento e local a paz entre as nações era preocupante na Europa que saía da

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020, p. 96-111.

Recebido em: 02/07/2020

Publicado em: 21/08/2020

primeira grande Guerra e via anúncios da que estava por vir, através dos momentos de tensão entre os países. A educação para a paz era uma forma de buscar pacificar as relações entre os povos para aquela e para as próximas gerações. A educação internacional no período citado é considerada imprescindível para a educação para a paz.

Relações entre os Jogos Cooperativos e a Educação para a Paz

Primeiramente, cabe explicitar que a abordagem utilizada em relação à educação para a paz nesse ensaio não se tratou de uma perspectiva religiosa ou de uma tentativa de não politizar a escola. Isto é, não se pretende discutir valores transcendentais ou de negar ou desconsiderar diferenças e injustiças. Pelo contrário, é uma tentativa de contribuir na formação de seres humanos altruístas, cooperativos, justos e autônomos, compreendendo essas atitudes numa perspectiva de desenvolvimento psicológico e social, respeitando a laicidade da escola e considerando os aspectos políticos de disputa que a perpassam.

Considerando essa perspectiva, é possível estabelecer pontos de encontro entre os objetivos dos JC e os da educação para a paz. Por exemplo, a modalidade JC pode ser uma ferramenta importante na construção de uma educação voltada para a solidariedade, a cooperação, a equidade, o respeito mútuo, enfim, para a paz.

Piaget explica a gênese das transformações afetivas e cognitivas, pessoais e sociais, compatíveis com o alcance desses objetivos atitudinais. Não se trata de anular ou diminuir a importância do jogo como conteúdo em si, elaborado culturalmente ao longo dos tempos, mas compreender de que maneira este pode colaborar com outros objetivos educativos.

Nesse sentido, os jogos de regras – nos quais estão incluídos os cooperativos– provocam seus participantes a argumentar, tomar decisões, compartilhar experiências, observar, negociar pontos de vista, concluir, esperar, respeitar, concentrar-se, planejar, desenvolver estratégias. Ou seja, por meio do jogo, os participantes estão, ao mesmo tempo em que se divertem, aprendendo e se desenvolvendo cognitivamente, motora e afetivamente, mesmo que não saibam disso. (MACEDO, 1995; MACEDO; PETTY; PASSOS, 2005)



Ao propor um jogo torna-se possível criar regras, repetir a atividade, errar e recomeçar. É como se o jogo nos preparasse para a vida. E, assim, a vida real poderia ganhar sentido e passar a ser vivida com mais liberdade e responsabilidade (MACEDO, 1995; MACEDO; PETTY; PASSOS, 2005). Essas habilidades vão ao encontro daquelas descritas por Piaget na educação para a paz, em especial o fato de o jogo exigir a argumentação e a confrontação do seu ponto de vista com o dos colegas, para juntos chegarem a um denominador comum.

Nessa perspectiva, Gómez e Samaniego (2008) afirmam que o JC prevê uma espécie de cooperação intelectual, pois é necessária a análise de várias sugestões distintas para a resolução de um mesmo problema, levando os participantes a conhecerem outros pontos de vista além do seu e encontrar argumentos para defendê-lo e/ou coordená-lo com o dos demais. Essa aprendizagem ativa é também pautada no conhecimento prático e na compreensão técnica e tática do jogo. Além disso, em um ambiente com baixo nível de estresse, esse intercâmbio de ideias pode tornar os estudantes mais questionadores, refletindo sobre os problemas, pensando em formas eficazes de tomar decisões, melhorando as suas habilidades de comunicação, aumentando a confiança e a autoestima, ou seja, cooperando intelectualmente.

Ao referirem-se à cooperação, Camargo e Becker (2012) analisaram o percurso desse conceito ao longo dos diferentes períodos da obra de Piaget e encontraram dois aspectos diferentes da cooperação: um moral e um cognitivo. Embora Piaget tenha tratado de cada um de forma diferenciada ao longo dos diversos momentos de sua obra, os dois aspectos são indissociáveis e um depende do outro. Os dois tipos de cooperação expressam a relação entre a afetividade e a inteligência na teoria do autor. Para cooperar moralmente, ou seja, agir de forma solidária e respeitando-se mutuamente, é preciso ter a capacidade de “descentração” (SALTINI; CAVENAGUI, 2014, p. 92) que significa colocar-se no lugar do outro e entender outros pontos de vista, o que depende da estruturação cognitiva ao longo do desenvolvimento do sujeito. O JC, como o próprio nome evidencia, desenvolve tanto a cooperação moral - através do respeito e auxílio mútuo entre os participantes- quanto à cooperação cognitiva - pela coordenação de perspectivas para o alcance de um objetivo comum.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020, p. 96-111.

Recebido em: 02/07/2020

Publicado em: 21/08/2020

O jogo, portanto, apresenta uma dimensão afetiva que deve ser reconhecida. Gómez e Samaniego (2008) destacam que o jogo pode proporcionar o sentimento de igualdade e uma satisfação própria encontrada no ato de jogar, além de desenvolver habilidades de relação interpessoal, como respeito, empatia, reciprocidade, autoconhecimento, que são estimuladas no decorrer desse tipo de atividade. Silva (2011), afirma que a relação de respeito presume um sentimento de admiração por uma personalidade. O autor destaca ainda que Piaget definiu a reciprocidade social como a coordenação mútua de pontos de vista, tanto afetivos como cognitivos. Essa reciprocidade só poderia ser desenvolvida na relação entre pares (cooperação), privilegiada no momento do JC entre crianças/estudantes de uma mesma turma, em detrimento da relação desigual adulto-criança/professor-estudante (coação).

Outra questão é que o JC nada mais é do que um tipo de trabalho em grupo, ferramenta pedagógica defendida por Piaget. Ao interagir com seus pares no decorrer de uma atividade grupal, a criança e/ou adolescente passa a se conhecer melhor, formando a sua personalidade e a “tomada de consciência do eu e esse esforço de situar esse eu no conjunto das outras perspectivas, é, portanto, o primeiro efeito da cooperação.” (PARRAT; TRYPHON, 1998, p. 141). Além disso, estudantes com dificuldades de adaptação e/ou aprendizagem podem ser beneficiados pelos pequenos êxitos alcançados pelo grupo, motivando-se a esforçar-se e dedicar-se mais, superando os fracassos individuais. Da mesma forma, percebe-se uma melhora na iniciativa e no desenvolvimento de estudantes considerados superiores à média. Sendo assim, crianças com diferentes características podem ser beneficiadas através da atividade cooperativa em grupo. (PARRAT; TRYPHON, 1998)

É possível ainda entender os JC como úteis para reflexões e mudanças de cunho político. Os jogos baseados na competição ou cooperação podem ser relacionados com questões inerentes às classes sociais menos favorecidas. Assim, a escola pode atuar no sentido de ajudar a reverter as injustiças sociais. Os jogos baseados na cooperação libertam da agressividade, da exclusão, do egoísmo, da pressão de ganhar ou perder e auxiliam a analisar de forma crítica as relações desiguais do contexto em que vivem. Nesse sentido, os JC adquirem um potencial papel transformador na medida em que incentivam a participação, a criação, a



inclusão, a integração, a colaboração, a flexibilização. Enfim, valores que almejam uma sociedade mais humana, justa, igual e pacífica. (CORREIA, 2006; BROWN, 1995)

Assim, entende-se que o JC pode ser uma ferramenta útil na construção de valores importantes para uma convivência mais pacífica e humana. Tal ferramenta pode ser utilizada não somente na aula de EF, como também em outras disciplinas e espaços escolares. O ideal, aliás, seria cultivar em nossas escolas mais do que uma atividade ou jogo, mas um ambiente cooperativo que primasse pela colaboração entre todos os seus atores (direção, professores, funcionários, estudantes, familiares, comunidade). De tal modo, existiria uma maior probabilidade de que essa forma lidar com as situações tivesse real significado e transcendesse o ambiente escolar, transbordando para outros contextos dos quais o estudante fizesse parte e transmitindo as pessoas com as quais este mantém contato. (TREVISOL E BEDIN, 2014). É preciso valorizar a cooperação no ambiente escolar, pois esse valor é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes, considerando suas contribuições para a cognição, afetividade e moral.

Considerações finais

Ao evidenciar a cooperação, a atividade adquire um grande potencial educativo capaz de reforçar os laços do grupo tornando-o mais unido e coeso. No exercício da coordenação de diferentes pontos de vista para o alcance de metas coletivas do JC, os participantes reconhecem e valorizam as necessidades dos outros, o que os faz mais sensíveis para negociações de pontos de vista. A vivência dessa modalidade de jogo pode contribuir, então, para a “descentração” (SALTINI; CAVENAGUI, 2014, p. 92) dos participantes e para o desenvolvimento de habilidades importantes na resolução pacífica de conflitos. Ainda, ao se incentivar e valorizar esse tipo de atividade no meio escolar cria-se a possibilidade de que essas aprendizagens significativas sejam levadas para outros contextos em que o estudante esteja inserido, como a família, a comunidade. Enfim, do jogo para a vida.

A partir dos autores e estudos descritos ao longo desse ensaio, consideram-se os JC como uma das ferramentas possíveis e eficazes no auxílio da construção de uma cultura de paz. Essa modalidade de jogo pode promover um ambiente

tranquilo e reflexivo favorecendo o desenvolvimento de competências e habilidades citadas por Jean Piaget como importantes na educação voltada para a paz e, atualmente, presentes em documentos orientadores da educação brasileira, como os PCN e a BNCC, podendo destacar o respeito mútuo, o autoconhecimento, a solidariedade, a cooperação, a reciprocidade, dentre outras. Todavia, para além de ações pontuais, é desejável que se faça um esforço conjunto da comunidade escolar (e da sociedade em geral) para a construção dos valores éticos e da autonomia intelectual e moral das crianças e dos adolescentes.

Referências

BRANDL NETO, Inácio; WALDOW, Jane. Jogos Cooperativos numa quinta série de Ensino Fundamental. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 85 – 96, 1. sem., 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 114 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Física. p. 211 a 238, Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 09 jan. 2018.

BROWN, Guillermo. **Jogos cooperativos: teoria e prática**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

CAMARGO, Lisiane Silveira; BECKER, Maria Luiza Rheingantz. O percurso do conceito de cooperação na Epistemologia Genética. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 527-549, mai./ago., 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade/. Acesso em: 09 jan. 2018.

CORREIA, Marcos Miranda. **Trabalhando com Jogos Cooperativos: em busca de novos paradigmas na Educação Física**. 2. ed., Campinas, São Paulo: Papyrus editora, 2006.

DARIDO, Suraya Cristina (org). **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos**. Universidade Estadual Paulista. Pró-reitoria de graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012. v. 6, 176 p.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. 3. ed., São Paulo: Scipione, 1992.

GÓMEZ, Roberto Sánchez; SAMANIEGO, Victor Pérez. A aprendizagem através dos Jogos Cooperativos. *In*: MURCIA, Juan Antonio Moreno *et al*. **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.



HUIZINGA, Johan . **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 8. ed., São Paulo: Perspectiva, 2014.

LOUREIRO, Clarice Moukachar Batista. “**É possível uma educação para a paz?**”: a psicologia nas discussões sobre uma pedagogia pacificadora entre 1927 e 1934 na Europa. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A3NJ4U>. Acesso em: 01 set. 2020.

LOURENÇO, Orlando. Developmental stages, Piagetian stages in particular: A critical review. **New ideas in psychology**, [s.d] v. 16, p.123-137, 2016.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. Apêndice B – Outros trabalhos acadêmicos: caracterização. In: LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 6. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 125.

MACEDO, Lino de. O jogo e a sua importância na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n.93, p. 5-10, mai., 1995.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MENDES, Lígia; PAIANO, Ronê; FILGUEIRAS, Isabel. Jogos Cooperativos: eu aprendo, tu aprendes e nós cooperamos. **Revista Mackenzie de Educação física e esporte**, v.8, n. 2, dez., 2009.

MONTANGERO, Jacques; MAURICE-NAVILLE, Danielle. **Piaget ou a inteligência em evolução**. Tradução de Fernando Becker e Tania Beatriz Iwaszco Marques. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PARRAT, Silva; TRYPHON, Anastácia (Org.). Jean Piaget. Sobre a pedagogia: textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3.ed., Rio de Janeiro: Editora LTC, 1990.

PIAGET, Jean. **Para Onde Vai a Educação?** 22. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. Conteúdos na Educação Física Escolar: possibilidades e dificuldades na aplicação de jogos nas três dimensões dos conteúdos. **Revista Digital Efdportes**. Buenos Aires, Año 11, n. 96, mai, 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd96/jogos.htm>. Acesso em: 08 jan. 2018.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.167-178, set./dez., 2005.

SALTINI, Cláudio J.; CAVENAGUI, Doralice B. (Org.). **Relações entre a Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança**. Tradução de Cláudio J. Saltini e Doralice B. Cavenagui. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2014.

SILVA, Nelson Pedro. Moral e diferença em Piaget. *In*: MONTOYA, Adrián Oscar Dongo (Org.). **Jean Piaget no século XXI: escritos de epistemologia e psicologia genéticas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, Marília: Oficina Universitária, 2011.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; BEDIN, Silvio Antônio. *In*: MENIN, Maria Suzana de Stefano; BATAGLIA, Patricia Unger Raphael; ZECHI, Juliana Aparecida Matias (orgs). **Projetos bem-sucedidos de educação em valores: Relatos de escolas públicas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

